

Em nome de Deus

O terrorismo da Inquisição revisto e questionado



Em meados deste mês de junho o papa João Paulo 2º recebeu uma encomenda peculiar: um balanço da Inquisição, o programa de perseguições, torturas e assassinatos da Igreja Católica que se estendeu de cerca de 1250 a 1850. São cerca de 800 páginas de um livro que resume as intervenções em simpósio feito em 1998 no Vaticano sobre o tema, com cerca de 50 historiadores e especialistas, incluindo não-católicos.

Na cerimônia de apresentação do livro o papa leu uma carta que parece ter dois sentidos. Um, é uma espécie de pedido de perdão. "É justo que a Igreja assuma com toda a consciência os pecados de seus filhos ao longo da História, que se afastaram do espírito de Cristo e de seu Evangelho, oferecendo ao mundo, em vez do testemunho de uma vida inspirada nos valores da fé, o espetáculo de modos de pensar e de atuar que foram verdadeiras formas de antitestemunho e de escândalo", disse ele. O outro, parece um esforço de minimizar os danos causados. O papa diz que é preciso julgar tendo em conta "a mentalidade dominante" que pode ter influenciado a opinião da Igreja Católica nas diversas épocas. E pergunta: em que medida a imagem de antitestemunho e escândalo da Inquisição é "fiel à realidade"?

O documento de apresentação do livro segue essa sugestão. Diz, por exemplo, que entre os anos de 1540 a 1700, na Espanha, apenas 1,8% das 44.674 pessoas julgadas pela Inquisição morreram. Que em Portugal foram condenadas apenas 5,7% dos 13.625 julgados. E, como uma espécie de contraponto que diluiria ainda mais a responsabilidade da Igreja de Roma, diz que, na Alemanha, onde as condenações também eram feitas por tribunais civis, o dano foi maior: de uma população de 16 milhões de pessoas, 25 mil foram queimadas na fogueira, no começo do século 15, principalmente "bruxos" e "bruxas."

O terrorismo promovido pela Inquisição deve ser visto no seu contexto, é claro; mas sua essência não pode ser dissimulada. A Igreja Católica romana usou, frequentemente de forma disfarçada, as monarquias a ela submetidas como braço armado para implantar regimes de terror, que tiveram maior ou menor intensidade em determinados períodos, mas cujo papel essencial foi consolidar a chamada *civilização ocidental e cristã* na sua etapa anti-democrática, anterior à Revolução Francesa.

Numa etapa inicial, a Inquisição vai de meados do século 13 até a retomada da Península Ibérica pelos reis católicos de Espanha e Portugal, perto de 1500. Nessa etapa a Igreja Católica busca se afirmar contra três inimigos: 1) os cultos pagãos dos povos *bárbaros* - das regiões periféricas do antigo Império Romano, eslavos, bretões, germanos; 2) as *heresias*, dissidências no próprio cristianismo, ainda não consolidado; e 3) os muçulmanos, que haviam tomado Jerusalém e ocupavam a Península Ibérica.

É de 1233 a bula "*Licet ad capiendos*", com a qual Gregório IX escala a ordem dos dominicanos para perseguir as heresias e a proceder contra elas "sem apelação". É de 1252 a bula "*Ad extirpanda*", com a qual Inocêncio IV institucionaliza o Tribunal da Inquisição nos *Estados Católicos*, autoriza o uso da tortura e obriga o poder secular a contribuir com a atividade dos tribunais da igreja.

Escrevendo torto em linha torta A Inquisição ressurgiu reformulada com a reconquista da Península Ibérica pelos reis católicos de Portugal e Espanha, após sete séculos de domínio muçulmano. Buscava, então, reafirmar o catolicismo e apagar os sinais dos costumes e da religião árabe nessa região. Mas visava também a dissidência cristã representada pelos luteranos, calvinistas e outros que tinham promovido a Reforma Protestante. Em 1542, o papa Paulo III criou o Tribunal do Santo Ofício. Em 1559, Paulo IV, elaborou a primeira listagem de livros que atentavam contra a fé, a moral e os bons costumes, o *Index librorum prohibitorum*. Numa penúltima etapa, a Inquisição voltou-se contra os judeus e muçulmanos que tinham se convertido forçadamente ao cristianismo mas que, secretamente, continuavam mantendo práticas das antigas religiões, os chamados *cristãos novos*. No fim do século 18 em Portugal e na Espanha, a Inquisição visou principalmente os maçons e os partidários das idéias dos enciclopedistas e iluministas que iriam mover as grandes revoluções democráticas do final desse período. A Revolução Americana e a Revolução Francesa produziram Estados laicos. E as idéias da Inquisição perderam, finalmente, sua grande força. Não quer dizer que elas tenham desaparecido.

Como disse o cético Luis Fernando Veríssimo, ao comentar pedido de perdão semelhante ao de agora, feito por João Paulo II há quatro anos, a Igreja muitas vezes escreve torto por linhas tortas. "Se o papa, que, segundo dogma da Igreja, é infalível, diz que outros papas falharam na interpretação da vontade de Deus [ao usar a violência da Inquisição], não está dizendo que os papas não são infalíveis e que portanto ele também é falível e pode estar errado quando diz que os papas não são infalíveis, o que quer dizer que ele é infalível e está certo, portanto é falível e pode estar errado? Não sei." ■